



AS TORCIDAS ORGANIZADAS NO FUTEBOL BRASILEIRO: O CASO DO “BRASIL DE PELOTAS”

THE ORGANIZED SUPPORTERS IN BRAZILIAN FOOTBALL: THE CASE OF “BRASIL DE PELOTAS”

¹Juan Sampaio Nietzsche, ²Fábio Vergara Cerqueira

RESUMO: O intuito do presente artigo é realizar uma breve análise histórica do fenômeno sociocultural das torcidas organizadas no futebol brasileiro, em geral, e, destacadamente, as que atualmente organizam-se em torno do Grêmio Esportivo Brasil, clube de futebol da cidade de Pelotas, no interior do estado do Rio Grande do Sul. Objetiva-se também contribuir para a diminuição da lacuna existente nas ciências humanas sobre a temática da história do esporte e seus personagens. Este estudo baseou-se nas orientações teórico-metodológicas da Nova História e da História Oral. O conteúdo é composto pelos seguintes pontos: a difusão do futebol no mundo e no Brasil, em uma visão panorâmica; o recorte histórico do ato de torcer; uma revisão histórica das torcidas organizadas do Brasil e, por fim, uma descrição das torcidas organizadas do Grêmio Esportivo Brasil, através da análise de trechos de entrevistas com seus membros. Nas considerações finais constatou-se que o futebol é um importante fenômeno sociocultural. Além dos aspectos desportivos, e em especial com relação às torcidas organizadas analisadas, foi possível observar particularidades que compõe a existência dos torcedores organizados de regiões interioranas, ampliando o enfoque interpretativo da temática, pois, até o momento, as principais obras existentes dedicam-se a analisar este fenômeno apenas em capitais brasileiras.

Palavras-chave: História dos esportes; futebol brasileiro; torcidas organizadas.

ABSTRACT: *The goal of the present article is to make a brief historical analysis of the sociocultural phenomenon of organized supporters in Brazilian football in general, and, especially, those currently organized around the Grêmio Esportivo Brasil, a football club in the city of Pelotas, in the Interior of the state of Rio Grande do Sul. It also aims to contribute to the reduction of the existing gap in the human sciences on the theme of the history of the sport and its characters. This study was based on the theoretical-methodological guidelines of New History and Oral History.*

¹Licenciado em História – Universidade Federal de Pelotas

²Prof^ª Dr^ª do Curso de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

The content consists of the following points: the diffusion of football in the world and in Brazil, in a panoramic view; the historical cut of the supporting act; a historical review of the organized supporters in Brazil and, finally, a description of the organized supporters of Brasil de Pelotas, through the analysis of excerpts from interviews with its members. In the final considerations, it was noted that football is an important sociocultural phenomenon, beyond to the sports aspects and, in relation to the organized supporters analyzed, it was possible to observe particularities that compose the existence of the organized supporters in the interior regions, expanding the interpretative approach of the theme, since, to date, the main existing works are dedicated to analyzing organized supporters in Brazilians capital.

Keywords: History of sports; brazilian football; organized supporters.

INTRODUÇÃO

Mesmo sendo o esporte mais popular, mais praticado do mundo e extremamente enraizado na cultura brasileira, o futebol, ainda hoje, é um campo ainda bastante aberto de possibilidades de pesquisas dentro das Ciências Humanas. O estudo de uma parte de seus personagens, como os que aqui serão tratados –os torcedores organizados –apresenta carência em termos de pesquisa.

Como lembra Luiz Henrique de Toledo (2000), desde períodos recuados, em variadas culturas, existiram jogos com bolas, porém, no século XIX, na Inglaterra, estes jogos, através de suas regras, passaram a se enquadrar ao que modernamente entendemos por esporte. Neste período, podemos destacar o estabelecimento das regras e o nascimento de modalidades como o futebol e o rugby. No Brasil, como ressalta o mesmo autor, os jogos com bola foram relatados ainda no século XVIII, em documentos da Câmara Municipal de São Paulo. Eram desorganizados e considerados como desordem pelas autoridades oficiais, sendo assim proibidos. As informações são mais inequívocas apenas com o nome de Charles Miller (1874-1953), o qual, voltando da Inglaterra no ano de 1894, trouxe para o Brasil bolas, chuteiras, uniformes e livros de regras. Assim ele passou a divulgar o esporte no país. Apesar das controvérsias, a data de 14 de abril de 1895 marca, como aponta Rubim Santos Leão de Aquino (2002), a primeira partida de

futebol no Brasil, disputada entre The Team Gaz e The São Paul Railway, no campo da Companhia Paulista de Viação.

Os torcedores organizados surgem em um período mais próximo de nós, quando o esporte já estava estabelecido no gosto popular. Surgem, em sua primeira fase, deu-se aos poucos, em um período demarcado entre o início dos anos 1940 e o fim dos 1960 – período marcado por torcedores vinculados ao âmbito institucional do clube. A segunda fase iniciou-se entre final da década de 1960 e início da década de 1970, quando seus membros passaram a compor uma massa anônima (TOLEDO,1996).

Desde sua introdução no país, o futebol foi tratado em diversos meios textuais: cartilhas, folhetins, jornais e, tardiamente, em estudos acadêmicos. Inicialmente, na aurora do século XX, o futebol era abordado com caráter de divulgação, em cartilhas onde as regras do esporte eram expostas, com uma escrita técnica. Em folhetins, ressaltava-se o estilo de vida saudável e elegante dos praticantes. Praticamente nada se tratava sobre torcedores. Dedicavam-se apenas algumas linhas aos frequentadores dos clubes que acompanhavam as partidas, o que era feito sob a forma de coluna social, dado que o futebol era, então, praticado por setores de elite (HELAL, 1990). Passada sua introdução, adveio a popularização do esporte, aliada à “Era do Rádio”. Nesta fase, os textos que o abordavam o futebol já eram, principalmente, aqueles de natureza jornalística. Uma obra que demarca o início de uma preocupação acadêmica com o tema é o livro *História política do futebol brasileiro*, do historiador Joel Rufino dos Santos, de 1981, com uma escrita introdutória e de fácil compreensão, voltado a um público amplo. Somente no o final do século XX, para que as torcidas organizadas em si se tornassem objeto de estudo das humanidades. Um marco neste sentido é a obra do cientista social Luiz Henrique de Toledo, *Torcidas Organizadas de futebol*, publicada em 1996.

A importância de estudar as torcidas organizadas é termos a oportunidade de observar um fenômeno social cujo início é claramente datado, seu surgimento dando-se após dois fenômenos articulados, quais sejam, a consolidação do futebol

como esporte nacional e a profissionalização da carreira futebolística. Este fenômeno ainda é presente, sendo discutido em setores como a imprensa, o meio jurídico e até mesmo a política nacional. Trabalhar de forma descritiva as torcidas organizadas é um primeiro passo, no sentido de diminuir o descompasso entre os estudos já existentes sobre a história dos esportes e o papel de seus espectadores/torcedores.

A abordagem do tema, aqui discutido, tem caráter misto, no que se refere às suas fontes, ao utilizar uma literatura variada, mesclando-as com fontes orais (entrevistas concedidas por integrantes de torcidas organizadas do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas). O objetivo é cotejar os depoimentos dos torcedores e os elementos históricos extraídos da literatura historiográfica e documentação estudadas, de modo a proporcionar uma visão mais abrangente da história, que não despreze a memória subjetiva dos atores que participaram diretamente dos acontecimentos.

FUTEBOL NO MUNDO

O futebol, esporte de origem inglesa, surgiu na segunda metade do século XIX. Além deste, o rugby, o tênis e o boxe são esportes que apareceram no mesmo período. Alguns fatores que impulsionaram a popularização do futebol na Inglaterra foram a melhoria nos meios de transporte (pavimentação de vias, ferrovias e canais), bem como a comunicação por telégrafo. De um lado, os transportes possibilitaram reunir times de diferentes regiões do país para disputarem partidas; de outro, a comunicação à distância fomentou a paulatina nacionalização, unificação, das regras do esporte, que inicialmente variavam de local para local. A Inglaterra encontrava-se em um processo civilizador: o futebol surge conectado a esta lógica, pois o autocontrole dos jogadores e dos primeiros espectadores/torcedores demonstrava uma sociedade mais sensível para as práticas desportivas e jogos menos violentos (REIS; ESCHER 2006). Para além da Inglaterra, o futebol continuou espalhando-se ainda no fim do século XIX, chegando à França em 1872, à Suíça em 1879 e à Bélgica em 1880. Holanda, Dinamarca e

Alemanha recebem-no em 1889, e a Itália, em 1893. Anteriormente a esta disseminação no continente, o primeiro jogo entre selecionados internacionais ocorrera ainda em 1872, entre Inglaterra e Escócia (AQUINO, 2002).

FUTEBOL NO BRASIL

No Brasil, as menções sobre as primeiras possíveis partidas de futebol nos levam a nomes de empresas e de cidadãos de origem britânica. Conforme relata Aquino (2002, p. 25):

Estudiosos afirmam que, por volta de 1875, ou 1876, trabalhadores ingleses e brasileiros pertencentes a empresas britânicas enfrentavam-se em animadas partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club – clube fundado por ingleses em 1892 no Rio de Janeiro, em um bairro chamado Laranjeiras. Segundo outras fontes, coube a um certo Mister Hugh a primazia de introduzir o futebol no Brasil, mais precisamente em 1882 na cidade de Jundiaí, palco de disputas futebolísticas entre brasileiros e ingleses que trabalhavam na São Paulo Railway.

Para demarcar o início do futebol no Brasil, o personagem consagrado é Charles Miller, brasileiro que, aos nove anos de idade, foi estudar no Banister Court School, na cidade de Southampton, no sul da Inglaterra. Voltando para o Brasil, em 1894, Miller - que chegou a atuar como centroavante de uma seleção amadora do Condado de Hampshire em 1893 - trouxe os primeiros elementos necessários para a prática do futebol no país.

Após a introdução do futebol por Miller em São Paulo, a data de 14 de abril de 1895 – com controvérsias – é aceita como o dia da primeira partida de futebol no Brasil, disputada no Campo da Companhia Paulista de Viação, entre os trabalhadores do The Team Gaz e do The São Paulo Railway.

No Rio de Janeiro, assim como no estado de São Paulo, o futebol foi popularizado por um descendente de ingleses, Oscar Cox (1880-1931). Apesar de descender de Ingleses, Cox estudou na Suíça, no Collège de La Ville, e de lá trouxe uma bola ao voltar para o Rio de Janeiro. Chegando ao Brasil, Cox associou-se ao Payssandu Cricket Club e, em 1901, no dia 1º de Agosto, o Payssandu enfrentou um

time de atletas ingleses, no Campo do Rio Cricket Athletic Association, em Niterói. (AQUINO, 2002).

Diferentemente de São Paulo e Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul a origem do futebol está atrelada à presença de descendentes alemães na cidade portuária de Rio Grande, no sul do estado. Em 19 de julho de 1900¹ é fundado o Sport Club Rio Grande, sendo este reconhecido, como assevera Luiz Carlos Rigo(2004), como o mais antigo clube de futebol no Brasil ainda em atividade.

O ATO DE TORCER

Antes de começarmos uma descrição das torcidas organizadas, entendemos como necessária a realização de uma abordagem temporal do “ato de torcer”. Este está presente na história desde períodos muito recuados como, por exemplo, na Roma Antiga, onde o público acompanhava seus gladiadores preferidos. Já o povo bizantino, herdou dos romanos o apreço pelas corridas de cavalo, tendo, inclusive, na capital Constantinopla, duas facções de apoiadores rivais, os “azuis” e os “verdes” (VEBER, 1981). Na Itália renascentista, conforme Aquino (2002), o “calcio” possuía também grupos de apoiadores aos que disputavam os jogos.

O sociólogo Ronaldo George Helal (1990) aponta que os esportes e suas assistências (torcidas) passam por fases marcadas pela experiência do “sagrado” e do “secular”, do profano. Por exemplo, os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga eram tratados como festivais sagrados, dedicado aos deuses – tanto os competidores como as assistências estariam a serviço destes. Vale notar que na Grécia Antiga as competições e premiações dos seus vencedores eram realizadas em templos. Os esportes e competições modernas são marcados por um caráter predominantemente secular. O futebol é costumeiramente praticado aos domingos, dia que, segundo a tradição cristã, deveria ser guardado para honrar o Senhor. No Brasil, pós anos 1930, o futebol – ocorrendo sua profissionalização em 1933 – demonstra uma espécie de volta ao “sagrado”, em uma ressignificação moderna, laica, metafórica, de seu sentido original:

1 A data de aniversário do Sport Club Rio Grande tornou-se o Dia Nacional do Futebol Brasileiro.

[...] o futebol, agora praticado e assistido pelas massas, começou, pouco a pouco a se sacralizar. Com certeza, o leitor já deve ter escutado diversas vezes alguém pronunciar frases do tipo: 'o futebol é que nem uma religião'; ou 'o templo sagrado do futebol brasileiro' (referência feita ao Estádio Mario Filho, mais conhecido como Maracanã); ou 'o manto sagrado' (referência feita à camisa da seleção ou mesmo à camisa do time favorito de um torcedor); ou 'os monstros sagrados do futebol brasileiro' (referência feita aos grandes craques); ou, ainda, 'os deuses do futebol' [...] (HELAL, 1990. p.39-40).

Ainda segundo o mesmo autor, o futebol nos últimos tempos tornou-se um espaço dominado pelo "secular". Hoje é facilmente notada a presença massiva de patrocínios milionários em camisetas, placas de publicidade e a presença de empresários no meio futebolístico, deturpando a sacralidade de uma era de ouro do futebol, anterior à sua domesticação pela lógica econômica capitalista.

TORCIDAS ORGANIZADAS BRASILEIRAS

Na década de 1920, havia uma incompreensão quanto às assistências nos campos de futebol, por parte de quem debatia o esporte e se considerava, à época, portador de opinião avalizada. Para a crítica de então, as práticas torcedoras eram consideradas uma forma "não saudável" de se acompanhar o esporte, por serem práticas que se opunham à fruição estética que outrora o futebol recebera dos cavalheiros que, de forma elegante, observavam as partidas (TOLEDO,2000).

A história das torcidas organizadas brasileiras tem seu início após a profissionalização do esporte. Conforme Toledo (1996), a primeira experiência torcedora, que podemos associar ao que hoje é conhecido como torcidas organizadas, foi o surgimento do Grêmio São-Paulino, criado em 1939. No ano seguinte, surgiu a Torcida Uniformizada do São Paulo, que é considerada por muitos como a mais antiga torcida organizada do país. Em 1942, no Rio de Janeiro, foi criada a Charanga do Flamengo, a primeira a equipar torcedores de um clube com instrumentos musicais e uniformes. Estas primeiras torcidas organizadas eram caracterizadas por terem líderes carismáticos, torcedores símbolos, membros ligados diretamente à organização do clube, de modo que recebiam apoio financeiro

da administração do clube, sendo sua principal intenção apoiar a equipe dentro de campo, com festa e cantos.

Toledo (1996) indica ainda que, no final da década de 1960, observa-se o nascimento de uma segunda fase das torcidas organizadas brasileiras. Por meio dessas, passou-se a buscar uma maneira de exprimir suas visões políticas, que não podiam ser demonstradas em outros locais, devido ao Governo Militar Brasileiro instaurado no ano de 1964; ao mesmo tempo, eram um espaço para expressarem suas contrariedades aos dirigentes dos seus times do coração. A primeira torcida desta leva foi a Gaviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista, fundada no ano de 1969. Ainda neste ano é fundada a Torcida Jovem do Santos e, fora do Eixo Rio-São Paulo, a Camisa 12, do Sport Club Internacional. Já em 1971 foi fundada a Camisa 12, do Corinthians, e no ano de 1972, a Leões da Fabulosa, da Associação Atlética Portuguesa de Desportos. No início dos anos 1980, é de se destacar a fundação da Mancha Verde, do Palmeiras, em 1983.

Quanto a estas torcidas organizadas da segunda fase, é possível perceber que nascem com o caráter contestatório. A Gaviões da Fiel, por exemplo, surge por constatação a dirigentes do Corinthians.

Destaca-se, nas torcidas organizadas fundadas após a década de 1960, a sua complexidade administrativa. Nestas existem sedes, bares/restaurantes, cargos eleitos pelos sócios, estatuto, cadastro de associados e venda de materiais com a simbologia da instituição. Entre as torcidas organizadas da cidade de São Paulo, é possível notar-se a sua relação com o carnaval, destacando-se neste sentido as escolas de samba da Gaviões da Fiel, a Mancha Verde e as representantes do São Paulo: Tricolor Independente e Dragões da Real. O carnaval, além da festa estendida para fora do campo, representa uma importante fonte de renda (vendas de ingressos para bailes carnavalescos, fantasias, camisas temáticas e subsídios da Prefeitura).

Os fenômenos de torcedores “Hooligans” e “Ultras” – comumente situados na Europa – possuem o elemento da violência ideológica contra o Outro, como uma essência, pois estão atrelados, a grupos sectários. Nas torcidas organizadas brasileiras isto não é um foco dentro da organização, tendo em vista o perfil social de seus membros, que é abrangente, não importando sua origem, idade ou classe. Em relação a outras formas de torcer, as “Barras Bravas” latino-americanas, assim como as torcidas organizadas, têm como um dos principais motivos de existência a ação dentro do estádio – trabalham na realização de verdadeiros espetáculos pirotécnicos, fazem coreografias, com a massa torcedora, e entoam cantos com o auxílio de instrumentos musicais. Porém, as Barras Bravas não usam uniformes específicos, algo inimaginável dentro das torcidas organizadas brasileiras, onde muitas destas referem-se a si próprias como “torcidas uniformizadas”. Outro ponto que distingue os “Barras” de “Organizados” é a música, os primeiros tocam murga², com seus bumbos, e os últimos tocam com baterias, aproximadas em sua sonoridade com as de escolas de samba.

TORCIDAS ORGANIZADAS DO GRÊMIO ESPORTE BRASIL

Em 1910, na cidade de Pelotas, é fundado o Sport Club Cruzeiro do Sul, dirigido por funcionários da Cervejaria Haertel (MELO, 1984). Este caráter organizativo demonstrava uma diferença com relação aos clubes elitistas da cidade (RIGO, 2004). Em 1911 ocorre uma cisão no Cruzeiro do Sul, da qual nasceu, em 7 de setembro, o Grêmio Esportivo Brasil. Apesar do caráter mais “popular”, o Brasil de Pelotas também era aceito pela elite da cidade, pois participava dos campeonatos citadinos, realizados a partir de 1913, enquanto os clubes mais humildes disputavam a Liga Cassiano do Nascimento.

Em seus primeiros anos, o Brasil de Pelotas obteve sucesso, ganhando o tricampeonato citadino (1917, 1918 e 1919). O maior título do clube até então veio após 8 anos de fundação, a conquista do Campeonato Gaúcho de 1919, o primeiro

²Murga é um ritmo musical e uma manifestação cultural popular presente em diversos países de origem espanhola.

realizado. Neste primeiro Campeonato Gaúcho, é de se destacar a abertura precoce do Brasil de Pelotas para a questão racial. Valdomiro Victório, conhecido como “Babá”, identificado pela imprensa da época como mulato, fazia parte do elenco campeão.

A torcida do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas é conhecida como “Xavante” desde 1946. Neste ano, um dirigente do maior rival, o Esporte Clube Pelotas, usou o termo para desaprovar as atitudes da torcida do Brasil (JAHNECKA et. al., 2013). Como muitas vezes ocorre no futebol, o que era para ser pejorativo foi adotado com orgulho pela torcida, que associou sua índole aos atributos conhecidos da Tribo Xavante, identificando a si como uma torcida guerreira, corajosa e aguerrida.

Atualmente, o Brasil de Pelotas possui três torcidas organizadas, sendo elas, a Torcida Organizada Máfia Xavante, a Torcida Organizada Camisa 7 e a Torcida Organizada Comando Rubro Negro. Estas são torcidas de pequeno porte – com relação a seus números de membros, materiais e estrutura física – comparando com as de grandes centros do país. Durante os jogos, ocupam a arquibancada principal do Estádio Bento Freitas – a que aparece de forma frontal durante as transmissões televisivas – justamente para ganhar maior visibilidade.

Neste artigo, propomos compreender melhor a singularidade destas torcidas por meio da narrativa de seus integrantes, às quais acessamos por meio de entrevistas com membros das três organizadas do clube, realizadas em outubro de 2016, ano em que o Brasil voltava à Série B do Campeonato Brasileiro, após 16 anos de ausência desta competição.

A Torcida Organizada Máfia Xavante foi, segundo o seu presidente, Rafael Martinelli, da gestão 2016/2017, fundada em 21 de julho de 1991, por um grupo de amigos xavantes, entre eles um grupo de funcionários da CEEE³, que moravam perto do Estádio Bento Freitas. Conforme Martinelli:

[...] A Torcida Máfia Xavante se dá de início oficial em 21 de julho de 1991, começa basicamente com um grupo de torcedores, de amigos que eram

³Companhia Estadual de Energia Elétrica

xavantes, e pensam em criar uma Torcida Organizada e que tinham alguns núcleos fortes em questões de onde trabalhavam, um grupo que era famoso da CEEE, que na época até utilizavam nos jogos aqueles capacetes de onde trabalhavam, um grupo também que morava na volta do estádio [...] E que então foi se organizando até antes dessa data oficial de fundação, mas que daí quando se criou um corpo, realmente virou uma torcida organiza, oficializaram a fundação da torcida em 21 de julho em 1991, criando-se então uma marca né, uma torcida organizada realmente do Brasil que já havia outras da época, mas que se torna também mais uma a encorpar e empurrar o xavante [...] (Rafael Martinelli, entrevista concedida em 14/10/2016).

A Torcida Organizada Camisa 7 é a mais nova do Brasil de Pelotas, conforme o presidente da gestão 2015/2017, Vinícius Amaral, tendo sua origem em 31 de outubro de 2015. Segundo ele:

[...] Tive a ideia da torcida, ela surgiu, ela ficou formatada na minha cabeça no dia do jogo contra o Fortaleza⁴, isto em 2015. O Brasil disputava uma vaga pela Série B [...] Nesse dia que surgiu a torcida, então começou em tom de brincadeira, eu comentei, não sei se precisar agora neste exato momento, possivelmente com o pessoal que *tava* no jogo comigo. Comentei: vamos fazer uma torcida organizada? E neste dia surgiu a ideia. E a gente, com nosso grupo de torcedores da COHAB 2⁵, na outra semana acabou levando pra frente e fazendo a fundação da torcida. (Vinicius Amaral, entrevista concedida em 26/10/2016).

O presidente da Torcida Organizada Comando Rubro Negro, Alex Silveira, cita que:

[...] A Torcida Comando Rubro Negro foi fundada no dia 15 de janeiro de 1997 pelo pessoal da Cohab Lindóia⁶ e Santa Terezinha⁷. Isto é, a grande maioria dos integrantes era da Zona Norte de Pelotas. A princípio era um pessoal que se reunia pra confraternizar e ver os jogos do Brasil e logo acabou se expandindo e se tornando uma torcida organizada. (Alex Silveira, entrevista concedida em 18/10/2016).

As três torcidas organizadas do Brasil de Pelotas demonstram, em seu início, uma diferença fundamental com relação às grandes torcidas organizadas brasileiras fundadas após 1970. São organizações que surgem de maneira espontânea (grupos de amigos reunidos) e possuem simplicidade em sua organização e em suas “preocupações”.

4Brasil x Fortaleza no dia 10 de outubro disputaram uma partida de quarta de final do Campeonato Brasileiro da Série C de 2015.

5Bairro periférico de Pelotas, localizado na Zona Norte da cidade.

6Idem.

7Idem.

No que diz respeito ao perfil dos integrantes da Torcida Organizada Máfia Xavante, Martinelli cita que:

[...] a torcida do Brasil em geral mudou. Já a nossa organizada não mudou muito, nós temos um perfil de torcedor muito jovem, numa espécie que vai de 15 a 30 anos, não mais que isso, aliás, acima de 25 anos são 15 a 20%, a maioria fica entre 18 a 22, 17 a 23, nessa base. A maioria, diria que 60% da torcida, seja nesse sentido. O que mudou um pouco mais com o tempo é a quantidade de gurias. Tem mais mulheres envolvidas hoje em dia com a torcida. Logo que eu entrei não tinha nenhuma, agora já tem mais torcedoras, então isso já é uma coisa legal, mulheres se envolvendo mais na torcida organizada também, até pra ver que é algo que é sério, que não é desrespeitoso, que há um respeito e que a gente quer envolver as mulheres no meio da torcida também. [...] Mas em termos de classe social o legal é que nossa torcida organizada sempre teve de tudo [...]. Então a gente tem de tudo, tem gente de classe social muito baixa, mas a maioria é de classe média, é cara que pode se associar ao Brasil⁸[...] (Rafael Martinelli, entrevista concedida em 14/10/2016).

Na Torcida Organizada Camisa 7, com relação ao perfil de seus integrantes, o seu presidente cita que:

Na realidade hoje, a Camisa 7, ela conseguiu abranger vários pontos da cidade, vários tipos de classes sociais. Mas o perfil social da torcida eu classificaria como classe média baixa [...] A Torcida Camisa 7 hoje tem cerca de 70 a 80 membros cadastrados, pouco mais. Cadastrados já teve em torno de 90 membros, mas ativos, que são considerados da torcida, são em torno de 80 membros mais ou menos. Tanto o perfil é de classe média para baixo que muitos não estão conseguindo assistir os jogos, né, justamente por isso [...] E o perfil de gênero a gente hoje tem na maioria homens na torcida, cerca de 70% de homens e 30% mulheres; uma parte infantil, um núcleo infantil que tem um número de 15 membros, divididos entre meninos e meninas. Na nossa torcida muitos pais e mães levam os filhos para o estádio, por isso temos até um núcleo infantil que possui uniforme próprio e vão assim fardados aos jogos. (Vinicius Amaral, entrevista concedida em 26/10/2016).

Já na Torcida Organizada Comando Rubro, Alex Silveira cita que:

Dentro da torcida temos integrantes de todas as idades, de todas as classes sociais, torcedores de 5, 65 até 70 anos. E temos torcedores pobres, torcedores de classe média alta e classe média baixa. A grande maioria é de classe média baixa.(Alex Silveira, entrevista concedida em 18/10/2016).

Conforme o estudo de Toledo (1996), em suas considerações sobre torcidas organizadas da cidade de São Paulo, estas têm em sua composição um perfil

8A mensalidade de sócios em 2016 custava R\$ 60,00.

majoritariamente masculino, com idade em torno de 17 anos e de classe média e média baixa. E, nas três torcidas organizadas do Brasil de Pelotas aqui estudadas, encontramos proximidades e distanciamentos. As proximidades se referem ao estrato social: classe média e média baixa e preponderância do sexo masculino. E, conforme os entrevistados, notamos os seguintes distanciamentos: as torcidas organizadas do Brasil de Pelotas possuíam uma abertura para idosos, crianças e famílias.

Com relação à estrutura organizativa, observa-se que nas torcidas organizadas do Brasil de Pelotas, a organização é feita conforme as demandas do momento, sem maiores complexidades. Não existem as mesmas relações estabelecidas pelas torcidas organizadas paulistanas analisadas por Toledo (1996), nem mesmo as fontes de rendas, que possibilitariam uma maior estrutura. Na Máfia Xavante, Martinelli assinala que:

[...]Sempre foi feito “nas coxas”, era um presidente, um vice e esses se viravam que nem louco pra manter o negócio[...]Então o que a gente criou, a gente criou uma base de 8 diretores né, na realidade dois são presidentes e mais 6 diretores, a gente tem presidente e vice né; a gente tem um diretor geral que é o cara que cobra de todo mundo, é o “cricri”; tem um diretor de arte; a gente tem um diretor de material que é o responsável pelas faixas, saber onde tá, inventariar, botar no jogo, tem que ter um cara pra isso; tem o cara da bateria; tem o cara da finança, que é o tesoureiro, que esse é uma peça chave, é um cara que tem que ser honesto, esse cara tem que ser organizado, esse cara tem que ser sempre bem atento pra poder gerir, que é uma questão de administrar. (Rafael Martinelli, entrevista concedida em 14/10/2016).

O presidente da Camisa 7 comenta que:

Falando da função hierárquica da torcida a gente tem presidente, vice-presidente; diretoria social a gente tem 2 membros – 2 associados que são numerados e diria que a gente tem um conselho permanente da torcida com 5, 6 pessoas que ajudam diretamente quando necessário a presidência né, essa seria a hierarquia da torcida. Hoje o presidente da torcida cuida de redes sociais, de design gráfico da torcida, todo vestuário da torcida é feito pelo presidente, não é feito nada de fora[...]. A gente tem a parte financeira da torcida que é coordenada pelo presidente, que é a parte de recebimento de sócios, contribuições, pagamento anual do sócio que foi implantado agora em 2017 [...] (Vinicius do Amaral, entrevista concedida em 26/10/2016).

A Torcida Organizada Camisa 7 apresenta uma organização bastante primária. O seu presidente comenta que ele próprio faz praticamente tudo e, de forma indireta, existe um conselho permanente.

Para Toledo (1996), as sedes das torcidas organizadas por ele analisadas são determinantes para a organização destas instituições. No caso das torcidas organizadas aqui estudadas, apenas a Máfia Xavante possui uma sede atualmente, inclusive situando-se na mesma rua do Estádio Bento Freitas⁹. No que diz respeito às sedes, o presidente da Máfia Xavante comenta:

[...] é um ponto de encontro pra gente poder assistir um jogo quando o Brasil joga fora, tem uma TV, fazer um churrasco, confraternizar, se juntar, onde a gente guarda nossa bateria né, uma forma que a gente tem pra juntar o pessoal inclusive antes do jogo, para fazer uma concentração[...]. (Rafael Martinelli, entrevista concedida em 14/10/2016).

A Torcida Organizada Máfia Xavante, sendo a mais antiga, voltou a ter uma sede regular nos últimos tempos. Para as torcidas organizadas, as sedes compõem um espaço de confraternização, encontro, local de práticas de lazer e também um local para comprar produtos vendidos pela torcida e, assim, contribuir financeiramente.

Sobre a ideologia das torcidas organizadas do Brasil de Pelotas, o presidente da Máfia Xavante comenta que:

A gente tem uma ideologia do seguinte né, que é apoiar o Brasil; a gente viaja onde for, a gente quer apoiar, a gente canta, a gente tenta sempre cantar todo jogo. A gente faz constantemente pensando em formas de como empurrar o clube, de apoiar o clube [...]. Política no caso, em geral, a gente tenta não envolver a torcida politicamente [...]. (Rafael Martinelli, entrevista concedida em 14/10/2016).

Na Comando Rubro Negro, o seu presidente, de forma direta, cita que: “[...] A torcida é aberta para qualquer público, desde que siga a ideologia e apoie o Grêmio Esportivo Brasil” (Alex Silveira, entrevista concedida em 18/10/2016).

9Rua Dr João Pessoa

Já, para o presidente da Camisa 7: “[...] A ideologia da torcida é viemos para torcer” e isso significa que a gente tem a única e exclusiva intenção de apenas torcer [...]” (Vinicius Amaral, entrevista concedida em 26/10/2016)

O conceito de ideologia para as torcidas organizadas aqui estudadas mostra-se explicitado como algo vago – a pura necessidade de torcer– afinal de contas, conforme os entrevistados, a política, por exemplo, não é citada como peça basilar destas instituições.

As torcidas organizadas do Brasil de Pelotas não se estruturam e nem nasceram em função de atitudes contestatórias à política ou à diretoria de seu clube. Surgiram de forma espontânea e simples. Cabe destacar, é claro, que as torcidas organizadas aqui estudadas estão inseridas na realidade de um clube do interior do Rio Grande do Sul, que, apesar de ser uma instituição tradicional e centenária, enfrenta dificuldades próximas das de outros clubes do interior – devido, também, à realidade econômica da Zona Sul do Rio Grande do Sul e, principalmente, às condições da distribuição financeira realizada pelas confederações, que privilegiam a Dupla Grenal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é um esporte que, mundialmente, destaca-se pela sua aceitação popular. No seu início, foi uma prática elitista, onde jogadores e espectadores/torcedores pertenciam a grupos socialmente privilegiados. Hoje é incalculável a quantidade de praticantes, clubes de futebol e torcedores, que fazem dos seus clubes do coração parte importante de suas vidas. Este fanatismo pelo futebol pode ser marcado pela existência de torcidas organizadas.

No Brasil as torcidas organizadas surgiram de forma embrionária na década de 1940, no contexto da plena popularização do futebol como esporte nacional. Estas organizações sofreram mudanças estruturais após o final dos anos 1960; nesta segunda fase, demonstrou novas motivações para sua existência e uma organização complexa. Em nosso país, após os anos 1970 – em um Brasil

modificado pela Ditadura Militar – as torcidas organizadas de São Paulo também se tornaram um espaço político reivindicatório – vemos, ainda hoje, essa complexidade estrutural em torcidas de grandes cidades brasileiras.

O presente estudo realizou uma análise de caso de três torcidas organizadas do clube de futebol Grêmio Esportivo Brasil, da cidade de Pelotas, localizado no interior do Rio Grande do Sul: Torcida Organizada Máfia Xavante, Torcida Organizada Camisa 7 e Torcida Organizada Comando Rubro Negro. Esta escolha foi feita para compensar o pouco material acadêmico produzido sobre torcidas organizadas de cidades interioranas.

Conforme a análise das entrevistas com membros das torcidas organizadas do Brasil de Pelotas, notamos suas características elementares, como uma preocupação com o puro ato de torcer, sendo este o que definem como sua “ideologia” – apoiar o clube acima de qualquer outro aspecto. Também se caracterizam, conforme as entrevistas, pelo não embate claro contra dirigentes de futebol e questões sociais extracampo. Ao contrário de torcidas de grandes cidades, não possuem aportes financeiros além de suas próprias atividades – venda de seus materiais e bens de consumo em dias de jogos. Devemos compreender estas torcidas como nascidas e atuantes em uma cidade interiorana de médio porte e vinculadas a um clube que possui particularidades que o diferenciam totalmente dos grandes clubes do futebol brasileiro. Podemos considerar então, que as torcidas do Brasil de Pelotas inserem-se em um contexto de pequenas organizações, que agem de forma pragmática, conforme a ordem do dia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliseu de Melo. **O Futebol em Pelotas (1901-1941)**. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma Paixão Nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ESCHER, Thiago de Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futebol e Sociedade**. Brasília: Liber Livro. 2006.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1990. Coleção Primeiros Passos, vol. 235.

JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Méri Rosane Santos da. **Olhando futebol: Jeitos Xavantes de Torcer**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. V. 35, n.1., p.195-210, jan./mar. 2013.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora da UFPel, 2004. Coleção História e Etnias de Pelotas, vol. 8.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do Futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Editora Autores Associados. 1996.

VEBER, May. **Constantinopla, o Grande Século de Justiniano**. In: As Grandes Civilizações Desaparecidas. Lisboa: Edição de Selecções do Reader'sDigest. 1981, p. 230-231.